

Análise discursiva dialógica: a subjetividade nas músicas de Jaloo

Nícolas dos Santos Rodrigues Granjeiro

Resumo

O presente artigo apresenta uma análise discursiva dialógica dos álbuns da cantora, compositora e produtora Jaloo, e objetiva compreender aspectos da subjetividade da cantora através da linguagem. O trabalho baseia-se teórico-metodologicamente sobre estudos de linguagem de Bakhtin (1997), Brait (2006), compreensão da decolonialidade sobre debates culturais, históricos, sociais e políticos em “*On Decoloniality*” de Walsh e Mignolo (2018) e referenciais da teoria de subjetividade do ser decolonial de Fanon (*apud* Faustino, 2018) em *Frantz Fanon: um revolucionário, particularmente negro*. A partir da perspectiva dialógica, o estudo investiga as relações entre o sujeito, contexto e materialidade, e assim, o artigo discute a arte da cantora Jaloo como possibilidade de análise dentro do campo linguístico e sócio-histórico. Conclui-se que a arte de Jaloo pode ser compreendida como um espaço de resistência cultural e expressão de subjetividade decolonial do ser em busca da identidade e transformação no meio que se insere, podendo ser trabalhada como matéria de análise no campo educacional proporcionando a arte como possibilidade de disputa política e social.

Palavras-chave: Jaloo; subjetividade; dialógica; linguagem.

Abstract

This article presents a dialogical discourse analysis of the albums by singer, songwriter, and producer Jaloo, aiming to understand aspects of the artist's subjectivity through language. The work is theoretically and methodologically grounded in the language studies of Bakhtin (1997) and Brait (2006), as well as in the discussions on decoloniality found in *On Decoloniality* by Walsh and Mignolo (2018). Additionally, the theoretical framework of Fanon (*apud* Faustino, 2018) in *Frantz Fanon: A Revolutionary, Particularly Black* is used to understand the decolonial subjectivity. From a dialogical perspective, the study investigates the relationships between the subject, context, and materiality, discussing Jaloo's art as a possibility for analysis within the linguistic, cultural, and socio-historical fields. It is concluded that Jaloo's art can be understood as a space of cultural resistance and the expression of a decolonial subjectivity, in search of identity and transformation within the context in which it is inserted. Furthermore, her work can be explored as a subject of analysis in the educational field, providing art as a space for political and social dispute.

Keywords: Jaloo; subjectivity; dialogical; language

Introdução

O presente artigo tem por objetivo compreender aspectos da subjetividade da cantora, compositora e produtora Jaloo por meio do discurso e da linguagem. Jaloo, cantora transsexual, sendo um dos grandes nomes do indie pop e tecno-brega brasileiro e uma potência da música nortista, evidencia suas raízes decoloniais utilizando sua voz e sua linguagem na materialização de sua subjetividade através de suas músicas na construção de uma identidade, podendo assim, transformar as relações amorosas e sociais no meio a qual se insere e fora.

Pela perspectiva dialógica da linguagem (Bakhtin, 1997 *apud* Brait, 2006), analisa excertos e discursos presentes na trilogia de álbuns da cantora (*#1, ft* e *MAU*), observando aspectos da subjetividade na linguagem utilizada por ela. Esses discursos expõem experiências amorosas da artista, revelando o impacto do amor em diferentes fases de sua vida, partindo do amor imaturo, mostrando a primeira paixão da artista e como a puerilidade influencia nessa relação, partindo para um amor maduro, apresentando uma forma mais adulta de lidar com o amor e por fim, após sua transição de gênero, explora sua feminilidade, o amor e prazer relacionados com a morte.

A artista sendo um corpo decolonial, com suas letras, pode nos dar a possibilidade de ver o amor como um ato de resistência às relações pessoais e sociais (Fanon, 1925 *apud* Faustino, 2018), sendo capaz de ressignificar sua arte como forte ferramenta para expressão e manifestação da subjetividade, apontando um olhar mais profundo sobre as críticas e discursos expressos pela artista. Considerada um dos grandes nomes da indústria musical brasileira contemporânea, Jaloo ganha destaque com suas músicas sentimentalmente fortes e com referências sócio-históricas, literárias e principalmente subjetivas, expondo suas visões e criticando as relações humanas.

1. Fundamentação Teórica

A análise discursiva dialógica, conforme proposta por Bakhtin (1997), nos proporciona compreender como a linguagem constrói a subjetividade e as identidades no discurso. Nesse sentido, a trilogia de álbuns de Jaloo (*#1, ft* e *MAU*) sugere uma ferramenta de análise de como as subjetividades decoloniais são formadas e expressas. A dialógica bakhtiniana, que apresenta a interação entre vozes e significados em um discurso, permite explorar como as músicas da cantora dialogam com influências socioculturais, históricas e subjetivas do sentimento do amor, ressignificando a experiência do sujeito decolonial. Assim, Beth Brait (2006) reforça a ideia de que a linguagem é constitutiva da subjetividade, destacando a importância das interações sociais para a formação do sujeito. Também, é possível analisar a construção de uma identidade que ultrapassa a ideia colonial do ser e do saber, como exposto por Walsh e Mignolo (2018) no livro "*On Decoloniality*", que discutem a necessidade de romper com os paradigmas coloniais, trazendo à tona as vozes de indivíduos subalternizados, como expressa nas músicas de Jaloo. Além disso, Frantz Fanon, em sua obra sobre a luta racial, analisa a constituição do sujeito a partir das relações de opressão e resistência. Fanon, a partir das obras de Faustino (2018) em *Frantz Fanon: um revolucionário particularmente negro*, aponta que a construção da identidade negra não se dá apenas por uma visão interna do sujeito, mas em contraposição às marcas da colonialidade, influenciando a subjetividade através da luta e da afirmação da sua identidade. Portanto, ao analisar as letras das músicas de Jaloo, podemos perceber como elas se apresentam como possibilidade de análise de um discurso de resistência às relações amorosas sociais e de construção de identidade.

2. Metodologia

Esse artigo tem por objetivo apresentar uma análise sistemática integrativa sobre os discursos e linguagem presentes na trilogia de álbuns da cantora, compositora e produtora Jaloo, a qual aborda sua subjetividade em relação ao amor em diferentes fases de sua vida. Para a análise, embasa-se teórico-metodológico na perspectiva dialógica a partir das obras de Bakhtin (1997) e Brait (2006), a qual discorrem sobre a possibilidade de reflexão do sujeito a partir da linguagem e como essa linguagem influencia na história, ações e pensamentos do sujeito em si e do receptor da mensagem (Brait, 2012, *apud* Destri e Marchezan, 2021). Analisa-se então, de forma dialógica, os discursos explorados por Jaloo e a linguagem utilizada por ela, ou seja, o amor nas diferentes fases de sua vida e como cada fase explora as diferentes formas de ela lidar com esse sentimento, e assim, criticando as influências das relações sociais sobre o amor.

2.1. Procedimentos metodológicos

A análise baseia-se nas relações discursivas utilizadas por Jaloo, partindo do contexto de produção, considerando os meios decoloniais que a artista está inserida, assim, analisamos as relações dos álbuns e o conceito que cada um propõe, evidenciando algo em comum: o amor, porém em diferentes fases da vida do sujeito. A partir da análise discursiva, olhamos para a linguagem utilizada pela cantora, materializando assim o seu subjetivo através das escolhas lexicais, figuras de linguagem e outras ferramentas linguísticas.

2.2. Aspecto enunciativo

Jaloo é uma cantora, compositora e produtora nascida em Castanhal, interior do Pará. Considerada um dos grandes nomes do indie pop e tecno-brega brasileiro, Jaloo ganha destaque com suas músicas sentimentalmente fortes e com referências sócio-históricas, literárias e principalmente subjetivas.

Neste artigo, analisa-se músicas presentes em três álbuns da cantora, a qual dialogam com algo em comum: o amor. O primeiro álbum, intitulado “#1” (2015), expõe um amor imaturo, acompanhado de críticas às relações sociais. O segundo, “*ff*” (2019), (abreviação da palavra do inglês *featuring*), álbum feito com colaborações, mostra o amor maduro e suas decepções. Já em seu terceiro álbum, “Mau” (2023), após a cantora se declarar uma mulher transexual, retoma as relações sociais, como visto no primeiro álbum, porém com o tema focado na sua feminilidade, prazer carnal e morte.

A pesquisadora Brait (2006, p. 48), ressalta que Bakhtin, em suas obras, apresenta possibilidades de reflexão do homem e suas relações sociais e culturais a partir da linguagem. Para melhor compreensão da relação do homem e o contexto a qual é inserido e sua produção a partir da linguagem, Bakhtin afirma: “A língua vive e evolui historicamente na comunicação verbal concreta, não no sistema linguístico abstrato das formas da língua nem no psiquismo individual dos falantes” (Bakhtin, 1997, p. 124 *apud* Brait, 2006, p. 49), ou seja, a língua e seus objetivos só são evoluídos a partir do momento que são enunciados, e é perante esses enunciados que fazemos análises e compreendemos as intenções dos interlocutores. Jaloo, através dos seus discursos e escolhas lexicais presentes nas músicas, transpassa sua visão de mundo, criticando as relações sociais e suas conexões amorosas, apontando uma crítica as relações rasas no mundo atual, assim, Jaloo se coloca como alvo dessas relações superficiais do amor.

Bakhtin também propõe uma visão profunda sobre o diálogo: a metalinguística, e discorre a relação entre a linguística e a metalinguística.

Assim, as relações dialógicas são extralinguísticas. Ao mesmo tempo, porém, não podem ser separadas do campo do discurso, ou seja, da língua enquanto fenômeno integral concreto. A linguagem só vive na comunicação dialógica daqueles que a usam. É precisamente essa comunicação dialógica que constitui o verdadeiro campo da vida da linguagem. Toda a vida da linguagem, seja qual for o seu campo de emprego (a linguagem cotidiana, a prática, a científica, a artística etc.), está impregnada de relações dialógicas. Mas a linguística estuda a “linguagem” propriamente dita com sua lógica específica na sua generalidade, como algo que torna possível a comunicação dialógica, pois ela abstrai conseqüentemente as relações propriamente dialógicas. Essas relações se situam no campo do discurso, pois este é por natureza dialógico e, por isto, tais relações devem ser estudadas pela metalinguística, que ultrapassa os limites da linguística e possui objeto autônomo e metas próprias. (Bakhtin, 2002, p. 183, apud Brait, 2006, p. 59).

Assim, Bakhtin propõe análise do homem e suas relações no meio à qual é inserido pela linguagem e o contexto a qual o enunciado é expresso. Em suas músicas, além de expressar o seu subjetivo, Jaloo sendo nortista e transexual, se propõe a ser uma voz para as pessoas no meio em que é inserida, abordando questões de interesse sociais e históricos, como a exploração, gênero, afetividade, construção de identidade e a busca pelo prazer. Walsh e Mignolo em “*On Decoloniality*” (2018) ressaltam a importância da decolonialidade nos debates sociais, culturais e políticos.

The presence of decolonial pluriversals and intersals is growing in the world as people struggle to find ways of being, thinking, sensing, feeling, knowing, creating, and existing—of living—in the borders and cracks of the cmp (colonial matrix of power). (Walsh, Catherine; Mignola, Walter, 2018, pg. 250)

Através de suas músicas, Jaloo estabelece uma conexão profunda com a luta por reconhecimento e visibilidade, se apresentando como possibilidade nos debates de interesse artístico e sócio-histórico, especialmente para corpos marginalizados, trazendo uma estética que desafia os padrões tradicionais da indústria musical. Nesse contexto, sua arte se torna uma ótima ferramenta para a reflexão sobre a construção de identidade e subjetividade, ao mesmo tempo que expõe a resistência e renovação cultural, apresentando-se como uma potência dentro da música contemporânea.

A partir do exposto, analisa-se as músicas de Jaloo na sequência.

2.3. Análise

Amor imaturo

O álbum “#1”, lançado em outubro de 2015, expressa o amor na juventude e a desilusão desse amor. As letras são trabalhadas sobre figuras de linguagem como a metáfora e comparação, como ocorre na segunda faixa do álbum intitulada “*Insight*” (palavra de origem inglesa que significa a compreensão repentina de um problema).

Insight

*“A tentativa falida, tantas delas, que pergunto pra mim também se passou
Mas quanto mais estúpido eu me mostro
Mais me entupo de amor (então)*

*Xalalalalalá, lalalá
Foi só um insight e passou
Xalalalalalá, lalalá
Como essa história de amor”*

Jaloo compara o momento repentino (um *insight*) de reflexão de sua relação amorosa com a sua história de amor, expondo uma superficialidade em sua relação, superficialidade essa que será apresentada nas músicas seguintes “A Cidade” e “Pa Parará”.

Faustino (2018) em seus estudos teóricos sobre os escritos de Fanon (1925) no livro *Frantz Fanon: um revolucionário, particularmente negro*, aponta a subjetividade do sujeito decolonial como um ser com a habilidade de questionar: “meu corpo, faça sempre de um homem [com subjetividade] que questiona” (Fanon apud Faustino, 2018, p. 61). Jaloo, expõe sua visão sobre o amor raso e faz referências a suas ascendências indígenas nas faixas “A Cidade” e “Pa Parará”, apropriando-se de discursos sociais nas escolhas lexicais e figuras de linguagem.

A Cidade

*“Eu tô pensando em você
Enfeitada com flores
Eu tô pensando em você
Sem barulho de motores*

*Era tão lindo o tempo
Que o tempo dissolveu
Andávamos de mãos dadas
Cidade, amigos e eu
Hoje o vira virou
A moda é ser repulsa
Eu te amo online
E te ignoro na rua”*

Nessa faixa, Jaloo faz uma metáfora de “enfeitada com fores” a uma idealização dela à pessoa que ela ama, e “sem barulho de motores” tirando os defeitos da pessoa amada. Logo acrescenta com o amor superficial das relações virtuais, mas que presencialmente, esse amor se desfaz.

Pa Parará

*“Quando você me ouvir cantar
É pra você se apaixonar
Quando você xonar então
Eu já vendi seu coração*

*Deixe a magia do som te levar
É um soco de grave
Não dá pra segurar*

*Isso é coisa doída que só tem no Pará
Que não dá pra levar
Que não dá pra comprar*

*Três por dez real
Espelho por sal
Eu já te engoli
Vomitei latim”*

Aqui, Jaloo faz uma crítica a não reciprocidade da paixão; ao entregar seu coração e paixão, tudo que foi dado será vendido. Também, na última estrofe, Jaloo faz referência a colonização do Brasil, metaforizando a troca do valioso pelo banal. No verso “vomitei latim”, faz referência à língua que os portugueses ensinavam na catequização dos povos originários.

Jaloo finaliza o álbum com “Adeus”.

*“Adeus, amor, adeus
Canto ao te deixar
Saibas, coração, sofrer
Como soubeste amar
Saibas, coração, sofrer
Como soubeste amar”*

Jaloo se despede do seu amado dizendo ao seu coração que irá sofrer na mesma intensidade a qual amou.

O amadurecimento do amor

Em “*ff*” (abreviação da palavra em inglês *featuring*), lançado em setembro de 2019, é um álbum todo trabalhado em colaboração com outros artistas. Nesse álbum, Jaloo demonstra um controle e força maior sobre seus sentimentos, como na segunda e terceira faixa do álbum Q.S.A (Quero Seu Amor), e “Céu Azul”:

Q.S.A

*“Quero seu amor, oh mas não dá
O tempo é uma flecha, eu não vou parar
Quero seu amor, oh mas não dá
Quem sabe um dia, talvez, você me veja lá?”*

Jaloo expressa a vontade de um amor, porém sua paixão pela vida e seus prazeres se tornam mais intensos.

Céu Azul

*“Adeus, céu azul
Mundo em descomunhão
Eu vou pra essa cidade
Pra perto do tal do ego bom”*

Jaloo se despede da tristeza ao dizer “Adeus, céu azul” e vai em direção ao “ego bom”, lugar onde Jaloo pode encontrar sua paz e estabilidade emocional.

No meio do álbum, Jaloo manifesta as dores do fim de um amor como em “Doi d+”, “Atabaque Chora” e “Eu Te Amei!”. Na faixa “Say Goodbye”, Jaloo mostra uma fraqueza e bagunça emocional na ausência de um amor, porém compreende que o término do relacionamento é o melhor a ser feito para seguir em frente expresso com a frase “Renunciar é seguir”.

*“Você entende agora que o amor importa
Renunciar é seguir, isso machuca no fim
É f***, mas é assim-im-im-im
Eu preciso caminhar, correr sem olhar pra lá
Onde a história ficou, eu nem sei mais onde estou
Preciso de mais amor aqui dentro”*

Assim como em “#1”, em “ft” finaliza o álbum se despedindo do seu amado na faixa “Último Recado”, com a consciência de que tudo está acabado.

Prazer e morte

No seu último álbum intitulado “Mau”, lançado em outubro de 2023, Jaloo explora uma temática mais hedonista da vida, colocando o prazer e a morte como foco do álbum. Já na primeira faixa “Mau”, Jaloo utiliza de *Testo Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica* de Paul B. Preciado, a qual aborda o sexo e sexualidade e mercantilização e controle capitalista da sexualidade e da reprodução.

A faixa se torna mais profunda e segundo as palavras de Jaloo: “Mau é sobre ser gente e o desconhecimento que a gente tem em relação a isso”. Na música, Jaloo mostra os sujeitos de acordo com as substâncias que eles consomem.

*“Sujeito cannabis, sujeito Prozac
Sujeito Chanel, sujeito estrogel
Sujeito bebida, sujeito Ritalina
Sujeito botox, sujeito detox
Sujeito academia, sujeito mentira
Sujeito com culpa, sujeito desculpa
Sujeito sem jeito, sujeito dinheiro”*

Jaloo apresenta também as ações repetitivas que os sujeitos têm na vida.

*“E vou beber menos
Fumar nunca mais
Até sexta-feira
Fazer muito mais”*

E:

*“Se vou pra balada
Nem sei como volto
Se me arrependo
Repito de novo”*

“Mau” é todo trabalhado no tema prazer nas primeiras faixas como em “Pode”, “Quero te ver gozar” e “Ah!”, porém em “Phonk-me”, Jaloo compara a morte ao orgasmo, evidenciado na expressão de origem francesa “*Petit mort*”, em tradução livre “pequena morte”:

*“My love, come phonk-me
Petit mort for you
Petit mort for me
To fall head over heels
If you phonk-me”*

Em “Profano” e “Ocitocina”, a morte se mostra no fim do amor. Diferente dos últimos dois álbuns anteriores da cantora, em “Mau”, Jaloo finaliza o álbum com “A verdade é que a cidade vai me matar”, a qual manifesta a morte na solidão.

*“Viver é repetição
Como pode eu só querer matar ou morrer?
Onde fica o coração?
Acho que nem bate nada, então”*

Essa trilogia de álbuns, segundo a cantora “se explora três fases de vida e três vivências de gênero. No caso de vida, “#1” é um disco sobre nascimento e infância; “*fi*” é sobre amadurecimento e por último “MAU” é sobre a morte, tanto em sentidos literais como figurados.

Considerações Finais

O artigo objetificou, apoiando-se sobre referenciais bakhtinianos da dialogia e estudos do sujeito decolonial de Fanon, as relações dialógicas da cantora Jaloo, inserida em um contexto de produção, com sua arte e que a partir dessa linguagem materializa sua subjetividade e seus discursos. Como apresentado, podemos analisar os três álbuns dialogando com o amor, porém em fases diferentes da sua vida. Jaloo traduz sua subjetividade através da sua capacidade humana de se comunicar através da linguagem e essa subjetividade é expressa a partir de um sujeito decolonial criticando as interações sociais com objetivo de transformação do meio à qual é inserido através de sua arte. Assim, o artigo se propõe como uma ferramenta de análise no campo educacional, pois apresenta a arte como objeto de disputa política e social com a intenção de transformação social.

Referências

Brait, B. (2006). Uma perspectiva dialógica de teoria, método e análise. *Gragoatá*, 11(20).

Destri, Alana; Marchezan, Renata Coelho (2021). Análise dialógica do discurso: Uma visão sistemática integrativa. *Revista da Abralin*, v. 20, n. 2, p. 1-25.

Faustino, Deivison Mendes, 2018. *Frantz Fanon: um revolucionário particularmente negro*. São Paulo: Círculo Contínuo Editorial. SARTRE, Jean-Paul.

Walsh, Catherine; Mignolo, Walter D. *On Decoloniality: concepts, analytics, praxis*. Durham: Duke University Press, 2018.